



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/06/2020 a 11/06/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/06/2020	8,67	289,10	28,14	5,15	3,31
08/06/2020	8,64	288,40	28,10	5,11	3,33
09/06/2020	8,63	287,10	28,23	5,04	3,27
10/06/2020	8,65	288,80	28,00	5,06	3,26
11/06/2020	8,66	289,70	27,50	4,99	3,29
Média	8,65	288,62	27,99	5,07	3,29

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS – Panambi	94,00	ND
RS – Não Me Toque	93,00	ND
RS – Londrina	88,50	ND
PR – Cascavel	88,00	ND
MT – Rondonópolis	96,50	ND
MS – Maracaju	92,00	ND
GO - Rio Verde	85,00	ND
BA – L.E.Magalhães	90,00	ND
MILHO(**)		
Porto de Santos	46,00	ND
Porto de Paranaguá	44,00	ND
Porto de Rio Grande	S/C	ND
RS – Panambi	42,00	ND
SC – Rio do Sul	42,00	ND
PR – Cascavel	37,00	ND
PR – Londrina	36,50	ND
MT – Rondonópolis	34,00	ND
MS – Maracaju	37,00	ND
SP – Itapetininga	47,00	ND
SP – Campinas	48,00	ND
GO – Rio Verde	33,00	ND
GO – Jataí	33,00	ND
TRIGO (**)		
RS – Panambi	54,00	ND
RS – Não Me Toque	54,00	ND
PR – Londrina	58,00	ND
PR – Cascavel	57,00	ND

Período: 10/06/2020

ND = Não Disponível. S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/06/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,61	95,81	52,45

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/06/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,77
Feijão (saco 60 Kg)	210,00
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,16
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,77

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago ficaram estáveis durante esta segunda semana de junho. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (11) em US\$ 8,66/bushel, contra US\$ 8,67 uma semana antes. A expectativa do mercado era para com o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado justamente no dia 11/06. Porém, este relatório praticamente nada de novo trouxe.

O mesmo apontou os seguintes números para a safra 2020/21:

- 1) Uma safra futura estadunidense de 112,3 milhões de toneladas, com estoques finais para o ano em 10,8 milhões, este com leve recuo em relação a maio;
- 2) Safra mundial de soja em 362,8 milhões de toneladas, com estoques finais em recuo de dois milhões de toneladas, a 96,3 milhões;
- 3) Importações chinesas mantidas em 96 milhões de toneladas;
- 4) Safra brasileira de soja em 131 milhões de toneladas e a da Argentina em 53,5 milhões para o novo ano;
- 5) Preço médio aos produtores estadunidenses de soja mantido em US\$ 8,20/bushel, após US\$ 8,50 em 2019/20.

Dito isso, os embarques de soja estadunidense na semana encerrada em 4 de junho vieram menores do que o esperado pelo mercado. O total chegou a 213.047 toneladas, levando o total exportado, em todo o ano comercial atual, a 35,6 milhões de toneladas, ou seja, 2% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. (cf. USDA)

Quanto ao plantio, o mesmo atingia a 86% da área estadunidense até o dia 07/06, contra 79% na média histórica para esta época do ano. Quanto à qualidade das lavouras semeadas, 67% com germinação confirmada, enquanto 72% estavam entre boas a excelentes, 24% regulares e 4% entre ruim a muito ruim.

Mesmo com a ameaça de uma segunda onda da pandemia do Covid-19 a economia mundial tenta reagir, com a abertura lenta dos mercados mundiais. Isto está ajudando a manter os preços da soja nos atuais patamares. Somente a China, em maio, aumentou suas importações de soja em 27,4% na comparação com o mesmo mês do ano passado, atingindo um total de 9,38 milhões de toneladas compradas no mês passado. Em abril a importação havia ficado em 6,71 milhões de toneladas.

Em março e abril, sob o impacto do coronavírus e de dificuldades logísticas, as importações chinesas diminuíram bastante, levando os estoques locais do grão e do farelo a recuarem para volumes mínimos. Isso levou muitas trituradoras de soja a pararem suas operações. A partir de maio ocorre uma recuperação o qual, espera-se, continue nos próximos meses. Neste sentido, operadores de mercado esperam que a China importe ao redor de 9 milhões de toneladas de soja mensais em junho e julho, superando as médias para estes meses.

No Brasil, diante de um câmbio que rompeu o piso dos R\$ 5,00 por dólar, chegando mesmo a R\$ 4,88 em alguns momentos da semana, os preços da soja voltaram a ceder um pouco, embora as cotações em Chicago se mantivessem estáveis e os prêmios nos portos firmes. Com isso, a média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 95,81/saco. No Paraná o mercado trabalhou com preços ao redor de R\$ 88,00/saco, enquanto em Rondonópolis (MT) o produto ficou em R\$ 96,50; em

Maracaju (MS) a R\$ 92,00; em Rio Verde (GO) a R\$ 85,00 e em Luiz Eduardo Magalhães (BA) o saco de soja fechou a semana em R\$ 90,00. Já em Paranaguá (PR), a soja disponível fechou em R\$ 101,00 e para fevereiro de 2021 em R\$ 97,00. Em Rio Grande (RS), o disponível em R\$ 99,30 e para fevereiro/21 em R\$ 96,50. E no porto paulista de Santos, produto disponível em R\$ 105,00 por saco.

Com o recuo nos preços, o nível de negócios diminuiu nestes últimos dias no país. Também conta para isso o fato de que praticamente 88% da safra passada já ter sido comercializada até 05 de junho (média histórica de 70% para esta data), não havendo muito produto a vender. Hoje sobrariam 12% da última safra para atender o esmagamento, as sementes e o conjunto da demanda interna, até a próxima colheita, a qual se iniciará apenas em fins de janeiro próximo. Por outro lado, a comercialização da futura safra 2020/21 igualmente aumentou bastante, atingindo a 33% do total esperado, em 05/06, contra 9,6% na média histórica. (cf. Notícias Agrícolas, citando Datagro)

Por outro lado, na Argentina o governo estaria nacionalizando o Grupo Vicentin, pois o mesmo estava à caminho da falência. A referida empresa é um dos grandes players locais no comércio de grãos. Segundo analistas, com a estatização, a Argentina deverá liderar o comércio de soja na América do Sul, vendendo especialmente para a China, que até o mês passado era nosso principal parceiro comercial (fomos superados justamente pela Argentina). Alguns chegam a afirmar que a tendência será de o Brasil passar a ter excedentes de soja, sendo obrigado a vender com preço mais baixo no mercado mundial. Por enquanto, consideramos exageradas estas projeções, porém, efetivamente o quadro poderá mudar no Cone Sul da América se o Brasil não souber fazer frente aos novos tempos que parecem estar surgindo pós-pandemia.

Em paralelo, o IBGE informou seu novo levantamento de safra para 2020, indicando que a última safra nacional de soja realmente ficou em 119,4 milhões de toneladas, após a quebra ao redor de 50% no Rio Grande do Sul, confirmando nosso sentimento exposto em comentários passados. Mesmo assim, a safra teria sido 5,2% acima do volume registrado em 2019. Vale ainda ressaltar que o IBGE continua com uma safra gaúcha superdimensionada ao indicar 11,2 milhões de toneladas para a mesma, quando na prática, em relação ao ano anterior, a mesma teria ficado ao redor de 10,2 milhões de toneladas. Nota-se que há diferenças entre as estatísticas dos diferentes órgãos públicos brasileiros, já que a CONAB informou em seu recente levantamento que a safra gaúcha teria ficado em 10,85 milhões de toneladas, contra 19,2 milhões no ano anterior.

Enfim, os embarques brasileiros de soja melhoraram em abril, em plena pandemia da Covid-19, atingindo o recorde de 16,3 milhões de toneladas, contra 11,6 milhões de toneladas de março.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente ficaram estáveis nesta semana, com o bushel do cereal fechando a quinta-feira (11) em US\$ 3,29, igual valor do fechamento de uma semana atrás.

Esta situação se deveu ao fato de que o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 11/06, praticamente não trouxe novidades no que diz respeito aos prognósticos para a safra 2020/21, que já está em final de semeadura nos EUA.

O referido relatório apontou o seguinte para a futura safra:

- 1) Manteve a projeção de uma safra recorde nos EUA, com um total de 406,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficariam em 84,4 milhões;
- 2) Aumentou levemente a produção mundial de milho, colocando-a em 1,188 bilhão de toneladas, porém, reduziu em um milhão e meio os estoques finais mundiais, agora projetados em 337,9 milhões de toneladas;
- 3) A produção brasileira foi aumentada para 107 milhões de toneladas, enquanto a argentina foi mantida em 50 milhões (é bom lembrar que setores privados brasileiros apontam para uma safra nacional em torno de 101,5 milhões de toneladas);
- 4) Exportações brasileiras no novo ano comercial ao redor de 38 milhões de toneladas;
- 5) Preços médios aos produtores de milho dos EUA, em 2020/21, em US\$ 3,20/bushel, contra US\$ 3,60 em 2019/20.

Enquanto isso, os embarques semanais de milho nos EUA atingiram a 1,1 milhão de toneladas na semana anterior, ficando dentro das expectativas do mercado. Todavia, no acumulado do ano comercial o total chega a 20,6 milhões de toneladas, ou seja, 26% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Em paralelo, o USDA informou que até o dia 07/06 o plantio do milho estava praticamente concluído, faltando apenas três pontos percentuais. A média histórica para esta data é de 94% semeado. O órgão público estadunidense também informou que 89% das lavouras semeadas já germinaram, sendo que 75% estavam em condições entre boas a excelentes, 21% regulares e 4% entre ruins a muito ruins.

Já no mercado brasileiro, os preços se mantiveram relativamente estáveis, tendendo a inverter o viés de baixa na medida em que vai se confirmando quebras na safrinha de alguns Estados produtores. Mas a pressão da colheita desta safrinha, que deverá se intensificar no final de junho, ainda mantém os preços em baixa. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 43,61/saco, enquanto no Paraná os valores oscilaram entre R\$ 36,50 e R\$ 37,00/saco, em Rondonópolis (MT) em R\$ 34,00; em Maracaju (MS) R\$ 37,00; em Goiás em R\$ 33,00; e em Campinas o CIF ficou em R\$ 48,00/saco.

Por outro lado, nos últimos 30 dias as cotações do milho nos portos brasileiros recuaram cerca de R\$ 9,00/saco, com o porto de Santos batendo em R\$ 46,00 e Paranaguá ficando em R\$ 44,00 no momento. Este recuo se deve especialmente à forte revalorização do Real nas últimas duas semanas, fato que tira competitividade dos produtos nacionais na exportação.

Até este momento os produtores brasileiros já teriam negociado ao redor de 50% do volume total de milho que o país irá colher neste ano comercial. Aparentemente, o mercado cogita que os melhores momentos de preço já teriam passado no país, porém, havendo espaço para novas altas passada a pressão da colheita da safrinha, a partir de agosto/setembro.

Para tanto, muito irá depender do real volume que o Brasil colherá na safrinha, algo que ainda depende do clima, assim como do comportamento do câmbio e sua influência sobre os volumes exportados.

Neste último caso, analistas brasileiros apontam para vendas externas ao redor de 30 milhões de toneladas no total do ano, enquanto o USDA fala em 38 milhões de toneladas, como vimos em seu relatório deste último dia 11/06.

Ao mesmo tempo, esperando que a pandemia dê efetivamente trégua no segundo semestre, o mercado conta com uma recuperação no consumo interno de milho a partir da melhoria na produção das carnes. Também conta-se com a melhoria no consumo de milho para a fabricação de etanol aqui no país.

A colheita da safrinha já começou (3% no Paraná e 4% no Mato Grosso) e a expectativa é de produção final entre 69 e 71 milhões de toneladas, podendo ser menor devido a quebras no Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. No caso deste último Estado, a produtividade média esperada fica em 70 sacos/hectare, contra 90 sacos na colheita anterior. Mesmo assim, o volume final deverá ficar elevado para os padrões médios dos últimos anos. Já no Paraná espera-se um milhão de toneladas a menos na safrinha, com um volume final ao redor de 11,9 milhões de toneladas. Segundo o Deral, até o início de junho 41% das lavouras apresentavam condições entre boas a excelentes, 43% regulares e 16% ruins. No Estado paranaense 30% da safrinha já teria sido negociada.

No Mato Grosso do Sul os preços do milho estariam R\$ 20,00/saco acima do registrado em 2019, levando os produtores a negociarem antecipadamente 40% da safra, contra 30% no mesmo momento do ano passado.

Na BM&F (B3) o contrato julho esteve cotado a R\$ 43,44/saco, enquanto setembro ficou em R\$ 42,50 e novembro em R\$ 45,12/saco.

Enfim, segundo a Datagro, a comercialização do milho de verão teria atingido, no Centro-Sul brasileiro, um total de 77% do volume colhido até 05/06, contra a média histórica de 60% para esta época do ano. Vale destacar que, segundo o último levantamento da Conab, o Rio Grande do Sul viu sua safra de milho quebrar em 31,8%, ficando em apenas 3,93 milhões de toneladas, contra as 5,77 milhões colhidas em 2019. A produtividade média caiu 35%, ficando em 4.973 quilos/hectare (82,9 sacos/hectare).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a romper o piso dos US\$ 5,00/bushel no final da corrente semana, fechando a quinta-feira (11) em US\$ 4,99, contra US\$ 5,23/bushel uma semana antes. A tentativa de romper esta marca já havia ocorrido praticamente um mês atrás, porém, não se sustentou.

As exportações de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 28/05, atingiram a 179.500 toneladas para a safra 2019/20, sendo que tal volume ficou 14% abaixo da

média das quatro semanas anteriores. Os principais compradores na semana foram o Equador e a China. Para a safra 2020/21 foram comercializadas outras 437.300 toneladas, com os maiores compradores sendo as Filipinas e a Nigéria. O Brasil comprou, deste último volume, um total de 55.000 toneladas. A soma das duas safras ficou acima das expectativas do mercado estadunidense.

A colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 07/06, atingia a 7% da área total, ficando dentro da média histórica, porém, já pressiona para baixo as cotações. Ao mesmo tempo, o trigo de primavera estava semeado em 97% da área esperada, contra 99% na média histórica para esta data, sendo que as condições do mesmo eram de 80% entre boas a excelentes, 18% regulares e 2% entre ruins a muito ruins.

Na Argentina, o plantio da nova safra de trigo avançou bem nesta última semana, atingindo a 30% da área esperada para 2020/21. A Argentina espera semear 6,8 milhões de hectares com o cereal. O percentual semeado está 10 pontos percentuais acima do registrado no ano anterior. Atualmente a projeção de colheita no vizinho país é de 21 milhões de toneladas a partir de dezembro.

Já no Brasil, o trigo se manteve com preços firmes. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 52,45/saco (hoje o valor do trigo, no mercado gaúcho, está quase 10 reais acima do valor pago pelo saco de milho). No Paraná os preços do cereal giraram entre R\$ 57,00 e R\$ 58,00/saco no balcão, enquanto os lotes estão próximos dos R\$ 70,00.

O plantio ganhou força no Rio Grande do Sul, embora nesta semana o mesmo tenha sofrido com as chuvas ocorridas. Mas em regiões mais ao norte e do Alto Uruguai, algumas lavouras já apresentam germinação. O Estado gaúcho espera um aumento ao redor de 15% na área plantada, pois os produtores, diante dos preços praticados pelo cereal, tentariam recuperar parte das perdas com a safra de verão. No geral, o Rio Grande do Sul espera colher, se o clima ajudar, algo em torno de 2,32 milhões de toneladas com o cereal, enquanto o Paraná poderia atingir a 3,5 milhões (65% acima da frustrada safra do ano passado). No total, o país poderá ultrapassar as 6 milhões de toneladas neste ano.

Em termos de comercialização, o mercado está bastante lento, pois não há disponibilidade de trigo internamente e, diante da revalorização do Real, as importações ficaram mais baratas, atrapalhando a manutenção dos preços internos. Se o câmbio continuar abaixo de R\$ 5,00 por dólar é possível que os preços do trigo recuem logo adiante.

Dito isso, no Paraná a comercialização da nova safra do cereal chegou a 6% do total esperado neste início de junho.

Enfim, no restante do país nota-se tendência de redução de área semeada em Goiás e no Distrito Federal, enquanto em Minas Gerais parte dos produtores optaram pelo milho ou sorgo no lugar do trigo. No Estado mineiro a redução na área semeada com trigo pode chegar a 14%. No total, espera-se uma área entre 170.000 e 200.000 hectares no somatório dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Bahia.